

Nostalgia e triunfo em *Lenta Biografia*, de Sergio Chejfec

Edmon Neto de Oliveira¹

RESUMO: Este trabalho é uma leitura da autobiografia, intitulada *Lenta Biografia*, do argentino Sergio Chejfec, a partir dos relatos do autor a respeito da origem polonesa de sua família, da relação entre línguas e territórios distintos, da busca da compreensão de um passado marcado pela guerra, pelo presente nostálgico e pelo triunfo que se dá a partir da linguagem.

Palavras-chave: Autobiografia; Desterritorialização; Nostalgia

RESUMEN: El presente artículo es una lectura de la autobiografía, titulada *Lenta Biografia*, escrita por el argentino Sergio Chejfec, del autor de los informes sobre el origen polaco de su familia, la relación entre el lenguaje y territorios distintos, la búsqueda de la comprensión de un pasado marcado por la guerra, esta nostalgia y el triunfo que se produce a partir de la lengua.

Palabras clave: Autobiografía; Desterritorialización; Nostalgia

Un argentino es siempre un europeo en el exilio (J. L. Borges)

1. Os rostos

A capa da edição argentina de *Lenta Biografia* (1990) mostra, em primeiro plano, um homem de costas, representado a partir de uma cor esverdeada e a olhar para a imagem, supostamente, de uma família composta de quatro pessoas, todas elas em preto e branco e cujo contraste da fotografia torna suas feições totalmente disformes e imprecisas, seus olhos impedidos de serem vistos e seus rostos permanentemente desfigurados. É a partir dessa inacessibilidade visual que a autobiografia de Sergio Chejfec se desenvolve, quando o autor resolve escrever suas lembranças, mas percebe que, para isso, precisa saber algumas coisas sobre o passado europeu de seu pai, que esconde detalhes de sua perseguição nas mãos dos nazistas e da perda de sua família a partir de um silêncio obstinado, que revela o passado mais por ausências e lacunas do que por detalhes factuais ou concretudes. Sendo assim, procurando

¹ Mestrando em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

responder -de que modo algo intangível como o pensamento se converte em palavras², o narrador inicia sua história buscando reconstruir a imagem de seus familiares, a fim de que algo na vida dessas pessoas possa dar algum sentido ao sujeito que ali se presta a descobrir-se no outro.

Deleuze e Guattari falam de uma -máquina abstrata¹ que produz -rostidade¹, apropriando-se de uma metáfora que utiliza, de um lado, o significante como um muro branco e, de outro lado, a subjetividade como um buraco negro, sendo que a máquina que produz esses rostos seria a conjugação desses dois eixos de significância e subjetivação.

-Os rostos concretos nascem de uma *máquina abstrata de rostidade*, que irá produzi-los ao mesmo tempo que der ao significante seu muro branco, à subjetividade seu buraco negro. O sistema buraco negro-muro branco não seria então já um rosto, seria a máquina abstrata que o produz, segundo as combinações deformáveis de suas engrenagens¹ (DELEUZE e GUATTARI, 1996, p. 30).

Ora, é nesse esforço de construir a imagem de seus antepassados que o drama do narrador é tentar criar o significado para a imagem, sobretudo de seus tios, a partir da observação dos comportamentos de seu pai e de ouvir as histórias de amigos nos encontros dominicais, mergulhando na nebulosidade subjetiva de seu pensamento.

-Años después me daría cuenta de que intentaba reconstruir y recordar un pasado que no me pertenecía directamente: esa pertenencia estaba dada por la persona de mi padre. También pienso ahora que si yo quería imaginar sus caras y sus voces no era, bien miradas las cosas, porque rechazara la idea de que no pudiera conocerlos, sino todo lo contrario: su condición de muertos, de inexistentes, de personas que ya nunca volverían, fue la manera natural que para mí siempre tuvieron, con cierto matiz diferente — o sea, su carácter de desaparecidos—, con relación a mi padrell (CHEJFEC, 1990, pp. 18-19).

Nessa circunstância é que a máquina é desencadeada a fim de produzir os rostos, ainda que imperceptíveis, mas que assume uma zona de indeterminação que denuncia os devires e a zonas fronteiriças onde se encontra o narrador. Sob uma perspectiva metafórica, em um primeiro momento, a busca por esses rostos perdidos, no intuito de trazer à tona uma memória genealógica, constitui-se uma desterritorialização que os mesmos Deleuze e Guattari consideram -absoluta¹, pois os rostos estão diretamente ligados à paisagem e ao espaço nos

² -¿de qué modo una impalpabilidad como el pensamiento se convierte en palabras? (CHEJFEC, 1990, p. 16).

quais as pessoas estão inseridas; ou seja, trazem as marcas que o -mundo desterritorializado|| imprime em cada feição.

-Mas o rosto representa, por sua vez, uma desterritorialização muito mais intensa, mesmo que mais lenta. Poder-se-ia dizer que é uma desterritorialização *absoluta*: deixa de ser relativa, porque faz sair a cabeça do estrato de organismo — humano não menos que animal — para conectá-la a outros estratos como os de significância ou de subjetivação. Ora, o rosto possui um correlato de uma grande importância, a paisagem, que não é somente um meio mas um mundo desterritorializado|| (DELEUZE e GUATTARI, 1996, p. 32).

Em uma das lembranças relatadas no livro de Chejfec, uma mulher chega a dizer que todas as nossas recordações são como um -fundo branco||, sobre o qual criamos nossas imagens, nossas histórias e nossas ilusões. Diz o narrador: -(...) _fondo blanco‘ – lo que en definitiva, según ella, son los recuerdos _nuestros‘. (...) en recurrir a la metáfora del fondo blanco, ninguna historia (...) era falsa excepto se demostrara lo contrarioll (CHEJFEC, 1990, pp. 79-80).

O mais importante, entretanto, é que em *Lenta Biografía*, quando se fala em desterritorialização, pode-se explorar tanto o conteúdo metafórico quanto o espacial (materialista ou fisicamente determinado) que envolve essa questão. De igual maneira, entendendo que se trata de uma literatura migrante, ou que pelo menos toca na questão da imigração como pano de fundo para a busca de uma identidade, o que será desenvolvido nas próximas páginas levará em questão a afirmativa de Antonio Cornejo Polar, quando este diz que -trunfo e nostalgia não são termos contraditórios no discurso do migrantell (CORNEJO POLAR, 2000, p. 303).

2. Uma autobiografia?

Em texto sobre *Lenta Biografía*, Sergio Chejfec fala sobre a busca ilusória dos escritores por uma língua simples como ideal de expressão, seja através de uma economia retórica próxima ao tautológico, seja como no caso do autor em questão: pela utilização do sobrenome como alibi para falar de si próprio e da literatura, considerando o nome como emblema determinante para o conteúdo literário. Fala, também, de uma identidade passageira

prevista pelo sobrenome (por conta das sucessões familiares) e de uma relação unívoca e permanente entre sobrenome e indivíduo (CHEJFEC, 2012, p. 41).

Como justificativa ao fato de a obra ser considerada autobiografia, mas cuja personagem central é um imigrante judaico-polonês, pai do narrador Chejfec, que migra para Buenos Aires como sobrevivente da Segunda Guerra, o texto transparece influências do pacto autobiográfico quando diz que -nem toda autobiografia precisa partir de um nome, mas que todo relato sobre o próprio nome é autobiográfico (CHEJFEC, 2012, p.41). Lembremos, pois, que para que haja autobiografia é preciso uma relação de identidade entre o autor, o narrador e o personagem e que há, a priori, um contrato de identidade com leitor, seja através de um pacto estabelecido na ficha técnica do livro, seja através da criação de um -espaço autobiográfico. Phillippe Lejeune esclarece:

-O que chamo autobiografia pode pertencer a dois sistemas diferentes: um sistema referencial 'real' (em que o compromisso autobiográfico, mesmo passando pelo livro e pela escrita, tem valor de ato) e um sistema literário, no qual a escrita não tem pretensões à transparência, mas pode perfeitamente imitar, mobilizar as crenças do primeiro sistema (LEJEUNE, 2008, p. 57).

Nesse ínterim, atendendo às exigências pessoais que levaram o narrador a contar uma história (o fato de seu pai ter ficado doente e expressado o desejo de registrar sua vida), Chejfec parece problematizar as questões do pacto autobiográfico no sentido de que, falando de um outro, ou, neste caso, falando de seu pai, seja possível falar de si mesmo.

3. Lengua Lenta

Considerando os distintos estados de memória na produção literária, Paloma Vidal lembra dos -narradores-hijos, principalmente dos que tocam na questão migratória, herdeiros de uma ausência, um não-pertencimento, uma estranheza que demarcam, já nos pais, uma memória extraviada. Nesse caso, parece uma busca de algo duplamente perdido: a busca de um outro e a busca de um outro que já se sente órfão de seu passado. Pensando sobre o livro de Chejfec, Vidal fala sobre o distanciamento entre o que se vive e o que se narra, chamando a atenção para um lugar de indiscernibilidade entre fantasia e memória, em que o resgate de cenas do passado e a tomada de memória de outro como ponto de partida funcionam como

desculpa para fazer surgir uma língua com certa referencialidade e sem repetir os sentidos já cristalizados pela fala do outro, pensando em começar a fazer essa escritura a partir de uma imaginação fantasmática (VIDAL, 2012, pp. 44-45).

Qual é a herança deixada em quem escreve? O que restou dessa herança na escrita, apesar da irredutibilidade da distância entre o acontecido e o recordado, o antes e o depois, o passado e o presente, a minha vida e a vida do outro? Sabe-se que, em *Lenta Biografía*, o narrador Chejfec está em um ambiente em que tanto o pai quanto os comentaristas das reuniões que aconteciam em sua casa falavam uma mescla de espanhol, russo, polonês e iídiche: língua -mastigadall, falada nesses encontros regados a álcool, trivialidades e dramas pessoais.

-(...) con violencia, constatábamos en silencio – y esta constatación consistía simplemente en escuchar aquel idioma parecido más que nada a la masticación – que los hechos y las situaciones referidos poseían ese regusto amargo a impotencia que deriva de hablar del pasado, y más aún en este caso: en el que hablar del pasado era hacerlo de uno penoso y dramático con el agregado de la tibieza y fruición generalizados que parecían esparcirse por el aire desde las copitas que alternadamente sabían llenarse de anís o vodka o desde los vasos anchos y altos de téll (CHEJFEC, 1990, p. 73).

Estar dividido entre idiomas faz com que o narrador esteja sempre obrigado a interpretar aquelas palavras a partir de todas as linguagens que ele pode recorrer, incluindo os gestos e os silêncios. Com isso, escrever está ligado a criar a própria escritura, ainda que a partir de uma -poética da indeterminaçãoll, em que o trabalho de imaginação tende à inconclusão, porque o que se transmite gira em torno de um vazio difícil de preencher.

-(...) lá imaginación como un trabajo que tiene necesariamente a la inconclusión, porque lo que se transmite tiene un carácter diferido; girando en torno al mismo vacío, imposible de llenar. (...) Esse rodeo se va a transformar en la manera misma de contar de Chejfec, lo que me gustaría llamar una poética de la intederminación; una escritura que surge de la incompletud y deliberadamente no la resuelve; que insiste em esa indeterminación, donde otros terminan por ceder a la precisión, a la justificación, al esclarecimiento, generando una especie de tensión al revés, cuando el lector se da cuenta de que nada se va aclararll (CHEJFEC, 2012, pp. 45-46).

Os sentimentos são intraduzíveis e, por isso, a narrativa se torna cíclica e o narrador está sempre rodeado pelas mesmas angústias e questões, como a dizer que -los sentimientos

son ágrafos (CHEJFEC, 1990, p. 158). Por outro lado, o discurso do imigrante justapõe as línguas sem, entretanto, operar uma síntese delas, uma vez que elas aparecem em apenas um ato de enunciação. Cornejo Polar diz que esse movimento implica em uma -falta de um eixo centrado e fixo, em que -seu não-lugar é o que incita à dispersão de signos ubíquos, sem território estabelecido, convocando -intertextos desordenados e vacilantes:

-Dito sem sutileza: se o sujeito mestiço busca rearmonizar sua perturbada ordem discursiva, submetendo-a à urgência de uma identidade tanto mais forte quanto se sabe quebradiça, o migrante como que deixa que se derrame sua linguagem, contaminando-a ou não, sobre a superfície e nas profundidades de uma deriva, em cujas estações se armam intertextos vulneráveis e efêmeros, descompassados, porque sua figuração primeira é a de um sujeito sempre deslocado (CORNEJO POLAR, 2000, p. 133).

E quando se fala em deslocamento, urge a necessidade de falar sobre território.

4. -No hay absolutamente lugar³

Steiner já dizia sobre territorialidade que define extraterritorialidade, no que diz respeito a uma -hesitação dialética ante la lengua maternall (STEINER apud VIDAL, 2012, p. 46); Deleuze e Guattari, as propósito de Kafka, já diziam sobre o coeficiente de desterritorialização de uma língua⁴, sobretudo no uso político dela e da enunciação coletiva de um povo -menor, a saber: as minorias. Essa perspectiva opta pela conceitualização psicológica de território, segundo a qual privilegia-se a construção da subjetividade ou da identidade pessoal; ou pode-se lidar com a concorrência entre território como metáfora e território como espaço geográfico e/ou político. Entretanto, dentro de uma visão idealista de território, pode-se investigar dentro da literatura migrante os espaços de identificação e de pertencimento. Para Bonnemaison e Cambrèzy,

-Pertencemos a um território, não o possuímos, guardamo-lo, habitamo-lo, impregnamos dele. Além disso, os vivos não são os únicos a ocupar o território, a presença dos mortos marca-o mais do que nunca com o signo do sagrado. Enfim, o território não diz respeito apenas à função ou ao ter, mas ao ser. Esquecer este princípio espiritual e não material é se sujeitar a não compreender a

³ CHEJFEC, 1990, p. 159.

⁴ Kafka, *para uma literatura menor*, 2002.

violência trágica de muitas lutas e conflitos que afetam o mundo de hoje: perder seu território é desaparecer (HAESBAERT, 2007, p. 73).

Note-se que a presença dos mortos é questão fundamental dentro de *Lenta Biografia*, como condição de pessoas que não mais voltarão ao convívio com os vivos, mas não cessam de influenciá-las em suas trajetórias. De toda forma, sob esse signo do sagrado é que o narrador vai percebendo que, ao vigiar as atitudes do pai, na busca de uma imagem concreta e ao mesmo tempo inapreensível de seus antepassados.

-Poco a poco, mientras – como antes puse: _con la regularidad y pertinàcia de los descubrimientos repetidos y cotidianos´ – me iba dando cuenta de que contaba con los reducidos gestos de mi padre para imponerlos a las caras y voces de mis tíos que yo había imaginado como variaciones de la suya – y que todo esto era ineblemente gratuito e inútil – paradójicamente fui teniendo pensamientos y actitudes cada vez más religiosos, formas de actuar y de pensar que depositaban demasiada fe en la magia y en la superstición (CHEJFEC, 1990, p. 122).

Pensando o território também como um movimento dotado de significado, um ritmo, um fluxo ou uma rede, Rogério Haesbaert fala, também, na perspectiva integradora de território, considerando condições simbólicas e culturais na relação com o espaço físico e o político-econômico. Falar do movimento de desarticulação desse conceito, ou seja, da desterritorialização, implica em considerar os territórios frágeis, os grupos socialmente excluídos ou na relação de controle que esses grupos têm sobre os territórios.

-Desterritorialização, se é possível utilizar a concepção de uma forma coerente, nunca _total´ ou desvinculada dos processos de (re)territorialização, deve ser aplicada aos fenômenos de efetiva instabilidade ou fragilização territorial, principalmente entre grupos socialmente mais excluídos e/ou profundamente segregados e, como tal, de fato impossibilitados de construir e exercer efetivo controle sobre seus territórios, seja no sentido de dominação político-econômica, seja no sentido de apropriação simbólico-cultural (HAESBAERT, 2007, p. 312).

Como, então, essa questão surge na autobiografia de Chejfec? As dificuldades que, na voz do narrador, transparecem são, como já mencionado, a intraduzibilidade da experiência humana em uma língua -mestiça e sintetizada. A busca pelo entendimento do sujeito, entretanto, situado nesse -entre-lugar, leva a crer que Chejfec é um devir constante, na permanência entre o ser e o tornar-se, na fronteira definida por Bhabha como -o lugar a partir

do qual *algo começa a se fazer presente* (Bhabha apud Porto, 2005, p. 228), sem perspectiva de que algum dia esse algo presente possa se tornar pleno, mas a todo momento atravessado por (in)definição e translucidez, como quando diz o narrador: *-(...) así termino siendo – estoy terminando siendo – una alterada deformación de lo que tendría que haber sido, al igual que esos cabellos que son la afirmación – tajante – de lo que no tendrían que ser* (Chejfec, 1990, p. 41).

A literatura, aqui, está ao lado do inacabado, do informe; e seus atravessamentos são o que torna o processo de escrita algo inseparável do devir. Neste sentido, devir é encontrar a zona de vizinhança, de indiferenciação entre entidades, capaz de torná-las indistinguíveis: devir-mulher, devir-animal, devir-vegetal, devir-molécula, devir-imperceptível.

-Devir não é imitar, nem fazer como se, nem se conformar a um modelo... Não há um termo do qual se parta, nem ao qual se chegue, ou ao qual se deva chegar. Não se trata também de dois termos que trocam de posição... Pois, à medida que alguém se torna, aquilo que ele se torna muda tanto quanto ele. Os devires não são fenômeno de imitação, nem de assimilação, mas de dupla captura, de evolução não paralela, núpcias entre dois reinos (Deleuze apud Machado, 2009, pp. 213-214).

A língua deve alcançar os desvios que compõem a sintaxe, necessários e criados para revelar a vida nas coisas. Essa revelação, que se dá por meio do ver e ouvir ao qual o escritor se submete, empreenda saúde. Inventa-se o povo que falta. Assim, quando a literatura apresenta a enunciação coletiva de um povo menor, que somente encontra expressão através e no escritor, é capaz de mobilizar, de fazer com que seus leitores estejam em movimento, em mutação. Esse nomadismo, previsto por Deleuze e Guattari, remete às três categorias da literatura menor: a já mencionada -desterritorialização da língua, -a ligação individual com o imediato político e -agenciamento coletivo de enunciação (Deleuze e Guattari, 2003, p. 41).

O teor político, na biografia de Chejfec, envolve menos uma questão de engajamento por parte dos imigrantes do que uma questão sensível e corporal vivenciada a cada dia na nova terra e por conta da memória das consequências de uma política nazi-fascista europeia. A partir das lembranças relatadas, o narrador fala de um desconhecimento efetivo das políticas que extinguiram sua família judia:

-Es así como – pienso ahora – la ignorancia relativa de mi padre y sus invitados – parientes y amigos que habían vivido la persecución nazi-alemana y que de algún modo habían escapado más o menos espantados de ella – en relación a su pasado, a los acontecimientos precisos que los habían rodeado – no los políticos sino los sencillos y cotidianos: los que en definitiva eran los que intentaban reconstruir y referir en las reuniones dominicales en mi casa – terminaba siendo (esa ignorancia) la más cabal explicitación de la voluntad de ellos por ubicarse en la categoría de los refugiados históricos en tanto conjunto de personas y, por otro lado, de víctimas de depravaciones naturales de la historia – en este caso a manos de la nefasta conjunción de orden y nacionalismo alemanes – en tanto sentimiento nacional-judío (CHEJFEC, 1990, p.75).

Mas essa -memoria deslocada (Revista Grumo, 2012, p. 38) é que permite que o país de outrora seja imaginado a partir de agora e, nesse sentido, a criação de uma língua artificial, como acontece em *Lenta Biografia*, permite que se invente esse povo que falta, esse povo fronteiriço e nômade, para o qual Chejfec segue enunciando, em uma só voz e ao mesmo tempo, a voz de todos, levando em conta dois tempos distintos: o ontem e o hoje.

5. Nostalgia e triunfo

O dicionário Aurélio apresenta, como significado para a palavra nostalgia, o seguinte verbete: -Melancolia, tristeza causada pela saudade de sua terra. / Saudade do passado, de um lugar etc⁵. Sabe-se que a melancolia é marcada por indivíduos ligados à terra, regidos pelo signo de saturno e sempre sucedidos a uma perda, mesmo que não haja muita clareza a respeito do que foi perdido. Giorgio Agamben, via Freud, fala da melancolia como uma relação de ausência entre o -objeto perdido e certa fantasmagoria com este mesmo objeto, a partir de uma inapreensibilidade.

-Cobrando o seu objeto com os enfeites fúnebres do luto, a melancolia lhes confere a fantasmagórica realidade do perdido; mas enquanto ela é luto por um objeto inapreensível, a sua estratégia abre um espaço à existência do irreal e delimita um cenário em que o eu pode entrar em relação com ele, tentando uma apropriação que posse alguma poderia igualar e perda alguma poderia ameaçar (AGAMBEN, 2007, p. 45).

⁵ Disponível em: <<http://www.dicionariodoaurelio.com>>. Acesso em: 12-01-2013.

Esse paradoxo está presente na autobiografia através da busca por uma origem que de nenhuma maneira poderia ser recuperada, embora esteja figurada na imagem do pai do narrador Chejfec.

-Ese mimo mar oblicuo que él atravesó escapando del espanto generalizado, ese continente inclinado de su pasado que él se obstina en ocultar – como dije ya quizá excesivas veces – producían en mí esos recuerdos sesgados que no son otra cosa que las imaginaciones del pasado, y reproducían – algo involuntariamente – en ellos (en mí) la nostalgia propia de los desarraigos con la particularidad de que no era yo quien los había padecido sino la figura austera y silenciosa de mi padrell (CHEJFEC, 1990, p. 90).

E essa saudade do irrecuperável fez que com que o narrador se utilizasse de recursos de fuga dentro da história que marcam os momentos em que sua opinião se torna imprescindível e suas questões funcionam com grande efeito estético. Utilizando-se de colchetes, [], a voz de Sergio Chejfec – o autor que fez um pacto com nós leitores – aparece como questionamentos, dúvidas ou até frases que funcionam quase como aforismos: -[¿Hay algo menos irreal que lo que nos imaginamos?]| (CHEJFEC, 1990, p.19); -[Sutil pretérito el de las cosas muertas.]| (CHEJFEC, 1990, p.25); -[No somos más que um conjunto de sucessivas desavenencias con la realidad.]| (CHEJFEC, 1990, p.31), etc. No decorrer da narrativa, essas questões são repetidas sem a sinalização, como que fundidas às histórias contadas, contaminando e confundindo-se com elas e com todas as pessoas envolvidas. No posfácio de *Lenta Biografía*, C. E. Feiling alega que os colchetes –ponen en duda las palabras del narrador, constituyen la solitaria marca tipográfica de que alguien está abocado a reconstruir la reconstrucción de una reconstrucción| (CHEJFEC, 1990, p. 169) e acredita que o triunfo da obra está justamente em ter se utilizado desses recursos e tê-los tornado esteticamente atrativos: -(...) la medida de su triunfo reside em haber encontrado los procedimientos (parêntesis, guiones) con que presentar a la figura del perseguido de una manera estéticamente atractiva| (CHEJFEC, 1990, p. 170).

Por fim, algumas questões se fazem necessárias para que possamos refletir sobre o que fora discutido até aqui: Uma vez perdido o controle sobre a área geográfica e sobre o território, que passado nós temos? Como classificar, na memória, eventos que transcorreram em um lugar que já tenha sido apagado do mapa? A que território pertence quem não se

recorda de um passado? Como viver em uma cidade em que tenha nascido por obra de um deslocamento forçoso e involuntário? Perguntas que provocaram um narrador balbuciante, dotado de um passado múltiplo, assim como Cornejo Polar, brilhantemente, termina seu texto: -Seriam as vozes múltiplas das muitas memórias que se negam ao esquecimento|| (CORNEJO POLAR, 2000, p. 308).

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Estâncias – a palavra e o fantasma na cultura ocidental*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

DICIONÁRIO AURÉLIO. Disponível em: <<http://www.dicionariodoaurelio.com>>. Acesso em: 12-01-2013.

CORNEJO POLAR, Antonio. *O condor voa: literatura e cultura latino-americanas*. Org. Mario J. Valdés; Ilka Valle de Carvalho. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

CHEJFEC, Sergio. *Lenta Biografia*. Buenos Aires, Puntosur editores, 1990.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka*. Para uma literatura menor. Trad. Rafael Godinho. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.

_____. Ano zero – rostidade. In: *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol. 3*. Trad. Aurélio Guerra Neto et alii. Rio de Janeiro: Ed 34, 1996. GRUMO. Revista *Estados da Violência*, No 9, abril 2012.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização*. Do -fim dos territórios|| à multiterritorialidade. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Org. Jovita Maria Gerheim Noronha; Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MACHADO, Roberto. A Geografia do pensamento; A linguagem literária e o de-fora. In: *Deleuze, a arte e a filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

PORTO, Maria Bernardette e TORRES, Sonia. -Literaturas migrantes||. In: FIGUEIREDO, Eurídice (Org.). *Conceitos de literatura e Cultura*. Niterói: Eduff; Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.